

Sévigné e Guilleragues, autor de *Cartas Portuguesas* (1669) que no final do século passaram a ser officiosamente tituladas *Cartas da Religiosa Portuguesa*. O sucesso da obra teve uma influência decisiva no desenvolvimento do género que adotou a forma de coletâneas de epístolas ou de romance epistolar e que durante mais de um século vigorou pela Europa inteira.

Esta comunicação tem como objetivo realçar os aspetos que erigem as *Cartas Portuguesas* como modelo magistral da epístola amorosa no feminino. Nesta perspetiva a nossa análise alicerçar-se-á em duas partes que consideramos como fundamentais ; por um lado uma atenção particular será dada à eloquência e às técnicas da construção do discurso ao longo das 5 cartas em que a situação e o estado de espírito da freira de Beja variam. Por outro lado, tendo em conta o contexto epocal e situacional, bem como os preceitos da epístola amorosa, procuraremos refletir nos desígnios ou efeitos almejados por Guilleragues ao fazer da « autora » destas cartas uma monja portuguesa.

Palavras-chave: género epistolar, monasticismo feminino, *Cartas Portuguesas*, Mariana Alcoforado.

**Maria Cristina Pais Simon** Licenciada em Românicas pela Universidade Nova de Lisboa ; licenciada em Português e em Letras Modernas pela Université Sorbonne Nouvelle-Paris 3, mestre em literatura, civilização e língua portuguesas, titular da « agrégation » de português e doutorada em literatura com tese sobre Camilo Castelo Branco, M. C. Pais Simon é maître de conférences de Estudos lusófonos na Université Sorbonne Nouvelle – Paris 3, onde se formou, e onde leciona literatura, civilização e tradução literária.

Investigadora no CREPAL, no CHAM, no CLEPUL da Universidade Nova de Lisboa e no CLP da Universidade de Coimbra, tem realizado e participado a congressos e a colóquios internacionais na Europa, Estados Unidos e Brasil e publicado numerosos trabalhos sobre autores e temas oitocentistas.

Do ponto de vista administrativo, depois de ter ocupado, por eleição, cargos nas altas instâncias da sua Universidade, é actualmente membro do Conselho de gestão e da comissão editorial do CREPAL, membro eleito dos Conselhos de gestão da Bibliothèque Sainte Geneviève e da Bibliothèque Sainte Barbe de Paris, do Departamento de Estudos Ibéricos e Latino-americanos, da Comissão das Estruturas da Universidade Sorbonne Nouvelle-Paris 3.

mcpaissimon@yahoo.fr

## **NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DE BEJA: A ÚLTIMA MORADA DA INFANTA MADRE D'EL REI**

Maria Dávila (CHAM – Centro de Humanidades da NOVA FCSH)

O convento da Nossa Senhora da Conceição de Beja foi fundado no século XV pelos duques de Beja, D. Fernando e D. Beatriz, os pais do monarca D. Manuel I. Contíguo ao paço dos duques, foi a última morada da infanta D. Beatriz. Ainda que houvesse freiras a viver no convento desde a década de 1470, a infanta viúva optou por nunca tomar votos e continuar a habitar no paço ducal, com a sua capela própria, cuja ligação ao convento se fazia através de um passadiço de que ainda resta uma parte. No entanto, dedicou os seus últimos anos ao convento, onde mandou instituir uma capela do fundador, e a quem deixou a grande maioria dos seus bens.

Após a morte da infanta, o paço dos duques de Beja deixaria de servir como residência e foi totalmente transformado, seguindo indicações deixadas pela própria, de paço em

convento. Para além de tarefas mais triviais, como a limpeza da capela-mor e a guarnição do seu tabuleiro exterior, foram feitas obras importantes como a construção de uma cerca – da altura da enfermaria do convento e para sua defesa, uma vez que só lá ficariam as religiosas, ou a correção do quintal, onde estavam as necessárias da infanta. Datam também desta época a construção do refeitório e do dormitório e, finalmente, a campa da infanta.

Nesta comunicação, abordarei a importância do mecenato religioso da infanta D. Beatriz, a forma como privilegiou (como o fariam outros membros da sua família) a observância franciscana, escolhendo fundar um convento de clarissas, mas também a forma como as viúvas da família real optaram, nesta altura, por viver paredes meias com conventos por si fundados, sem nunca tomar votos.

Palavras-Chave: Clarissas; Beja; Casa Real; Duques de Viseu; infanta D. Beatriz

**Maria Dávila** é investigadora integrada do CHAM – Centro de Humanidades da NOVA FCSH, onde coordena a linha temática de História das Mulheres e do Género. Atualmente desenvolve um projeto de pós-doutoramento intitulado “Género, Espaço e Poder: representações da autoridade feminina na corte portuguesa (1438-1521)”.

## **LA EXPANSIÓN DE BEATERIOS FEMENINOS EN LA EXTREMADURA PRETRIDENTINA**

María del Prado Rodríguez Romero (Universidad de Castilla la Mancha)

La eclosión de comunidades religiosas femeninas que practicaban modos de religiosidad alternativos típicamente bajomedievales (conocidos en Castilla como beaterios) tuvo en Extremadura, como en otras regiones de España, sus propias especificidades. En primer lugar, por la variedad político-jurisdiccional de sus territorios (señorío, realengo y OOMM) y por tratarse de un espacio geográfico donde germinó y tuvo gran repercusión el movimiento observante, cristalizado por san Pedro de Alcántara y sus discípulos. Pero también intervienen otros factores económicos, sociales y poblacionales en un contexto de efervescencia urbana. Lo que se pretende es presentar una panorámica de este fenómeno en relación con todos estos elementos en su entorno más próximo y dentro del marco general extremeño.

Palabras clave: Extremadura, beaterios, religiosidad femenina, geografía conventual, Baja Edad Media

**María del Prado Rodríguez Romero** Graduada en Historia con Mención en Hispánicas. Máster Universitario en Investigación en Letras y Humanidades. Actualmente Doctoranda de la UCLM bajo la dirección de Ángela Muñoz Fernández. Becaria del plan de Formación de Profesorado Universitario del Ministerio de Educación, Cultura y Deporte (Convocatoria 2016). Áreas de estudio: Historia Medieval, Historia de las Mujeres y relaciones de Género, Religiosidad femenina en la Edad Media y Altomoderna. Instituciones y paisajes religiosos femeninos.